



Palavras - chave:
Colônia Presidente Faria;
história oral; sociabilidade.

COLÔNIA PRESIDENTE FARIA (COLOMBO-PR): UM OLHAR SOBRE AS SOCIALIZADES ENTRE ANTIGOS E NOVOS MORADORES (1992-2012)

Leonilda Bondancia ¹
Vanessa Mara Eisenbach Lunardon ²
Lucas Patschiki ³

INTRODUÇÃO

O presente trabalho investiga as relações de sociabilidade tecidas entre os moradores do bairro de Colônia Presidente Faria, em Colombo/PR, município que faz parte da região metropolitana de Curitiba, localizado a cerca de 20 quilômetros da capital. Do final do século XIX até o XX, o município contava com a maior colônia italiana do Paraná, ainda conservando diversas localidades, dentre elas a Colônia Presidente Faria, formadas por descendentes daqueles imigrantes – que por vezes se autodenominam “italianos” e parecem perceber-se distintos dos demais moradores do local. É importante frisar que o município faz questão de reforçar a história sobre os imigrantes italianos com fins econômicos, inventando imagens e estereótipos para fomentar o turismo na região através de seu “Círculo Italiano de Turismo Rural”⁴.

A Colônia Presidente Faria é fruto de um processo que se iniciou com a compra de 51 lotes de terra com área total de 4.934.330,0 m², de propriedade de Albino Gonçalves Guimarães, negociado pelo então presidente da Província, Jaquim Almeida Faria Sobrinho, já nesta compra separando um dos lotes para igreja e escola. A Colônia Faria era situada naquele tempo na região do Cangüiri, da sesmaria Timbu, e seus moradores receberam “a designação dos colonos, para a ocupação daqueles lotes”, o que “obedeceu às leis do Governo contrato e pagamento”⁵. A Colônia Faria, enquanto um bairro institucionalizado do município de Colombo, não obedece aos mesmos critérios da divisão original de lotes, de 1887. O bairro atualmente tem início nas proximidades da Rodovia BR-116, sendo que é percebida como reminiscência da Colônia somente uma parte deste, a região próxima à Igreja Nossa Senhora da Saúde, construída com donativos dos primeiros imigrantes (FERRARINI, 1969, p. 84) e da Rua Presidente Faria.

Atualmente, seus moradores exercem diversas profissões, e os estudantes dividem-se entre escolas municipais e estaduais, públicas e privadas, contando com diversos universitários. A “colônia” está distante do centro do município de Colombo, contando com ônibus a cada hora, uma escola (MASCHIO, s/d), que atualmente atende somente quatro alunos especiais, de outros bairros, ainda contando com um aviário e um “bar e mercearia” (dois estabelecimentos seme-

1 Graduada em Licenciatura em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa/Universidade Aberta do Brasil (2012). E-mail: leonildab@gmail.com

2 Graduada em Licenciatura em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa/Universidade Aberta do Brasil (2012). E-mail: vanessalunardon@gmail.com

3 Orientador. Mestre em História pela Universidade Estadual do Centro-Oeste.

4 COLOMBO. *Histórico turismo*. Disponível em: <<http://www.colombo.pr.gov.br/pagina.asp?id=169>>, acesso em 26.08.12.

5 FERRARINI, Sebastião. *Da Itália ao Paraná: 100 anos depois* (genealogia). Curitiba: Editora Universitária Champagnat – EDUCA, 1989. p.46-53. Segundo este, quando Annibale Ferrarini chegou na Colônia teve ajuda do governo por um ano e seus filhos foram empregados em fazenda vizinha até que juntou dinheiro e em 1893 teria sido o terceiro imigrante a comprar o título definitivo de suas terras. Não fica claro se Annibale comprou o mesmo terreno que foi assentado na sua chegada ao Brasil ou outras terras.

lhantes fecharam as portas nos últimos três anos por motivo de assalto). Embora o “bairro” possua diversos outros estabelecimentos comerciais e industriais, estes se localizam na beira da Rodovia. Sobre a educação na Colônia, Elaine Maschio nos diz que:

O processo escolar na Colônia Presidente Faria, se deu também através de uma escola subvencionada pelo governo. Era regida desde o ano de 1894 pela professora italiana Joanna Antonelli, no ano de 1899 tinha a frequência de 40 alunos. Nesta colônia, a escola foi muito reivindicada. Mesmo em funcionamento da escola, os pais dos alunos enviavam frequentemente requerimentos ao governo reclamando qualquer por menor que pudesse afetar o andamento das aulas. A escola nesta colônia atendia todas as crianças em idade escolar da região e de localidades vizinhas com falta de escolas (MASCHIO, s/d, p. 10-11).

A citação acima nos permite entender que os imigrantes não permaneceram isolados dos brasileiros e que a escola funcionava como importante local de troca cultural. A escola rural da Colônia Faria que oferecia ensino fundamental (do “pré” à quarta série), fechou no final da década de 1990, por receber um número pequeno de alunos. Atualmente no local funcionam outras atividades ligadas à Associação de Moradores. A Colônia Faria, em dados coletados na revista *Nova Colombo* datada de 1987, tinha representação política significante junto ao Legislativo – outrora teria sido distrito de Colombo, quando seus moradores teriam contado com uma “administração própria”. Esta administração informal estava ligada a uma comissão da Igreja, que responsabilizava-se por promover atividades de lazer e melhoramentos, seja em espaço da Igreja ou no que era compreendido como sendo “patrimônio dos moradores da Colônia”⁶.

Os moradores atuais ressentem-se de certo desrespeito por parte da Prefeitura, o que alguns políticos justificam pelo fato da Colônia “não dar voto”⁷ (ver ainda Anexo I, imagem da frente da residência de F. L.). O último vereador oriundo da Colônia Faria foi Fernandes Mocelin, no ano de 1992. Depois disso, embora houvesse candidatos, estes não foram eleitos. Para a eleição de outubro de 2012, conta com a candidatura de Renato Lunardon, que tem priorizado campanha em outros bairros. As obras que o município realiza são consideradas vitórias da Colônia, como constru-

ção de camada asfáltica em 2010, nas Ruas Francisco Bernardo Lunardon e em trecho da Antonio Ferrarini (obra custeada em parte pela Prefeitura e pelos moradores das ruas citadas). Outra conquista foi a Academia ao ar livre entregue em setembro de 2012.

Entre as décadas de setenta e oitenta, Colombo conheceu uma explosão demográfica intensa, que praticamente triplica sua população total. A tabela seguinte mostra este crescimento demográfico:

Ano	População Total	População Urbana	População Rural
1970	19.258	1.092	18.166
1980	62.881	54.979	7.902
1991	117.767	110.273	7.494
1996	153.698	145.988	7.710
2000	183.329	174.962	8.367
2010	212.967	203.203	9.764

TABELA 1. Número de habitantes de Colombo entre os anos de 1970 e 2010.

Fonte: IPARDES, 2007; IBGE, 2012;
Org. CANDIOTTO, L. Z. P. (2004).

O município teve a maior taxa de crescimento da Região Metropolitana de Curitiba, residindo 97,6% da sua população total em loteamentos (PREFEITURA DE COLOMBO, 2012). A Colônia Presidente Faria, mesmo sofrendo pressões para urbanizar-se (ver Anexo 2 com imagem da urbanização em torno da Colônia Faria), ainda preserva características “interioranas”:

No setor sudeste do município, a Colônia Faria apresenta uma paisagem onde predominam rugosidades do rural, com pequenas propriedades rurais e igreja antiga. Tais rugosidades se misturam, contudo, na paisagem com residências e chácaras de segunda residência. Nas proximidades da BR-116 existem indústrias, hotéis e outros objetos técnicos (CANDIOTTO, 2007, p. 139).

As áreas novas do bairro, assim como bairros do entorno, que ligam-se em trecho urbano até o Alto Maracanã, são fruto do processo de expansão da chamada mancha urbana de Curitiba, ou seja, não compartilham do processo histórico de

6 NOVA COLOMBO. Agosto: Centenário da Colônia Faria. *Nova Colombo*, nº 4, março/abril de 1987. Esta mesma revista ainda afirma que seus moradores eram na maioria profissionais autônomos (horticultura, pecuária, construção civil e outras), embora já mencione trabalhadores industriais.

7 Em conversa informal um político conhecido de Colombo defendeu que este desrespeito realmente existe e se dá pela Colônia não eleger ninguém. Outros moradores locais estes já teriam ouvido este tipo de justificativa de outros políticos, embora não tenha sido possível verificar o número de eleitores da Colônia Faria, se bairro não tem o potencial de eleger um vereador local.

formação da Colônia, sendo que enquanto esta é compreendida como parte de Colombo, estas localidades percebem-se curitibanas – cidade em que a maioria de seus moradores trabalha e estuda (KATZINSKI, 2004). Estas pessoas vieram em busca de terrenos de menor preço que os da capital e fixaram-se muitas vezes em loteamentos clandestinos – em torno de quinze por cento da população urbana de Colombo mora em situação irregular (KATZINSKY, p. 45). Além, por não haver um planejamento integrado na Região Metropolitana de Curitiba, existe uma série de problemas socioambientais derivados dessa configuração.

Parte da intenção de analisar as relações de sociabilidade entre os moradores da Colônia vem do fato de seus moradores antigos, associarem os “novos problemas” (não que não existissem antes, obviamente, mas que recentemente tenderam a se agravar, tornando-se evidentes) com os moradores destes bairros, os atribuindo esta responsabilidade, em uma relação que imagina o morador (o indivíduo residente) como representante (partícipe da constituição) dos problemas de seu bairro, em uma relação que identifica os conflitos sociais gerados pela cidade capitalista em seus moradores mais pobres (KATZINSKY).

Ao mesmo tempo em que os moradores da Colônia não querem ser engolfados pela inevitável urbanização, estes são seduzidos pelos seus confortos. O morador quer viver no interior, mas já não quer trabalhar na terra, quer certo isolamento, mas conecta-se a internet, não quer conviver com novos loteamentos, mas exige esgoto, iluminação, telefonia de qualidade, quer continuar morando em chácaras, mas não quer mais as estradas de chão e almeja o asfalto.

Não temos a ambição de abordar esta discussão em termos totalizantes, mas deixando indicado que é neste contexto que inserem-se as relações de sociabilidade entre os moradores da colônia, as questões que surgem nestas, remetem para este processo conflituoso da chegada da periferia da grande cidade em uma comunidade tradicional. Esta pesquisa pretende assim buscar compreender como se dão as relações de sociabilidade entre os antigos e novos moradores, como estes atores percebem e constroem parâmetros de inclusão e exclusão, criando divisões simbólicas entre diferentes grupos que ocupam o mesmo espaço social: o bairro Colônia Faria.

Referências teórico-metodológicas

Ao se optar pelo uso da história oral como fonte, partiu-se de uma questão e deu-se ao entrevistado total liberdade para a fala, procedendo-se posteriormente o tratamento e análise das informações. A novidade da entrevista na vida do entrevistado eleva suas vozes em texto de importância histórica – a partir daquele momento as palavras ditas não serão mais ao vento. “A entrevista, implicitamente, realça a autoridade e a autoconsciência do narrador e pode levantar questões sobre aspectos da experiência do relator a respeito dos quais ele nunca falou ou pensou seriamente” (PORTELLI, 2001, p. 12). A história oral é uma forma de dar voz aos sujeitos históricos, ou melhor, é uma forma de valorizar e de fazer sentir valorizado aquele que outrora ficava nos bastidores de uma história que só fazia lembrar os heróis de uma elite, uma história que esquecia que é o seu povo quem faz girar a grande roda da vida, que vivencia, sente e promove as mudanças ou permanências no processo histórico.

A história oral, diferente de outras fontes, tem a capacidade de captar toda a transformação ocorrida na comunidade migrante; se por um lado as práticas culturais familiares preservam a identidade migrante, por outro os casamentos mistos, as tensões geracionais escolas e outras práticas culturais da sociedade dominante principal modifica a cultura original do migrante e a transforma em outra cultura. No caso da Colônia Faria primeiro tínhamos uma entrada de imigrantes internacionais de forma coletiva e na atualidade temos a entrada de novos migrantes que vão se estabelecer. Os últimos assim como um dia fizeram os primeiros também vão trazer suas formas de trabalho e maneira de viver do local de origem, ou seja; trarão suas experiências de vida a qual só pode ser conhecida através da oralidade. O resultado da convivência e das tensões dos dois grupos – descendentes de migrantes e novos migrantes - é a transformação em uma comunidade de cultura única e nova. A evidência oral é capaz de corrigir possíveis distorções em relação aos mitos e estereótipos criados sobre determinada comunidade migrante, mitos estes muitas vezes reforçados por elites que criam documentos ou fontes escritas que não conhecem as “reticências” da experiência migrante (THOMSON, 2002).

Como em todo ofício de historiador a subjetividade estará presente, mas a história oral in-

sere o entrevistador no objeto de estudo, uma vez que irá interferir diretamente na produção do documento: nas gravações, transcrições, na eleição dos trechos a serem apresentados. O que de modo algum retira seu rigor e crítica, produzindo conhecimento histórico científico e validável. Neste sentido o método “tem por princípio a representação que o entrevistado tem ou teve de determinado fenômeno vivenciado por ele” (SILVA; SANTOS, DENIPOTI, 2011, p. 87). O pesquisador através da metodologia, deve impedir que sua subjetividade modifique as informações dos entrevistados, podendo-se “mesmo dizer sem paradoxo, que o fato de reconhecer sua subjetividade é a primeira manifestação de espírito crítico” (AMADO, 1998, p. 58). Neste caso, além da presença como entrevistadora, uma das autoras (Vanessa) também vivencia o cotidiano da Colônia Faria, o que exige apresentar-se, analisando criticamente também suas percepções e observações do cotidiano.

Também são utilizadas fontes secundárias, documentos escritos e imagens, que possibilitarão relacionar as questões levantadas na entrevista ao eixo temático e as representações já registradas do local e seus moradores. Estas fontes dizem respeito a dois livros de Sebastião Ferrarini e uma revista que corria no município de Colombo no ano de 1987. O primeiro livro é de 1969, de cunho memorialista, escrito para homenagear aquele que é apontado como o fundador da Colônia Presidente Faria, Joaquim de Almeida Faria Sobrinho. Neste livro, também é descrito o monumento em pedra com placas em bronze que fora colocado na praça central do núcleo em 1969, por iniciativa do próprio autor e com apoio de moradores locais (ver Anexo 3). Neste foram registrados os nomes de personalidades como o Presidente Faria e outras autoridades que com ele estavam presentes na inauguração da Colônia em 1887; os nomes dos pracinhas moradores locais que combateram na Segunda Guerra Mundial; o sobrenome das primeiras famílias de imigrantes que se estabeleceram no local (não apenas os de origem italiana); nomes dos doadores (descendentes de imigrantes) do terreno onde fora cons-

truída a Igreja e o cemitério; e por fim, os nomes de autoridades da época em que foi erguido o monumento, que até hoje se encontra no pátio da Igreja Nossa Senhora da Saúde⁸.

O segundo livro é de 1988 e busca dar conta da genealogia da família Ferrarini, abordando boa parte dos moradores da Colônia, por “laço de parentesco” e origem comum. O terceiro documento escrito trata-se de uma revista do ano de 1987 que circulou em Colombo, com a notícia do centenário da fundação da Colônia Faria em 21 de agosto daquele ano⁹ – na capa está estampada a Igreja Nossa Senhora da Saúde e o relato da fundação da Colônia (NOVA COLOMBO, 1987, p. 04).

Escrever história é antes de tudo situar determinado objeto no tempo, porém, como definir o início exato de um processo cultural? Como citado, estas relações pessoais entre moradores é fruto de um processo que está longe de acabar. Deste modo iremos nos situar na chamada “história imediata”:

A escolha pelo conceito de história imediata se dá por essa atentar ao tempo histórico como processo social, sendo responsável pelos processos vividos, ainda não acabados. Esta leitura é contraposta com a história do tempo presente que designa seus objetos em relação a distância temporal do pesquisador. Seriam objetos da história do tempo presente acontecimentos, fenômenos e processos que distam do historiador, até cerca de vinte ou trinta anos no tempo, enquanto a história próxima daria conta dos mesmos em um recorte de cerca de quarenta ou cinquenta anos de distância (PATSCHIKI, 2012, p. 25).

A investigação histórica do tempo vivido é utilizada desde a Antiguidade Clássica, sendo que somente no século XIX foi desqualificada, passando a ser novamente validada somente na segunda metade do século seguinte. Esta volta ocorre da constatação de que havia muitas lacunas na história e formas diferentes de se fazer história – que não incluíam processos recentes como os marginalizados, mulheres, negros, presidiários, dentre outros assuntos, muitas das quais já eram vislumbreadas na chamada escola dos Annales (PATSCHIKI, 2012, p. 23-32). A história do tempo imediato é uma abordagem que sugere críticas como sendo

8 A obra sacra da imagem de Nossa Senhora da Saúde que até hoje está no altar da Igreja Nossa Senhora da Saúde foi encomendada pelos moradores da Colônia e teria vindo da Itália, chegando a Paranaguá em 29 de julho de 1930. FERRARINI, Sebastião. Da Itália ao Paraná: 100 anos depois (genealogia). op. cit. p. 42. Na Itália existe a Basílica de Santa Maria della Sallute, concluída em 1687, e erguida devido a uma promessa feita por conta da peste negra.

9 No dia 25 de agosto de 2012 comemorou-se na Igreja os 125 anos da fundação da Colônia Faria. Houve Missa, passeio ciclístico, caminhada, café colonial, apresentação de grupo de dança típica italiana, etc. A Praça da Igreja ganhou um novo jardim e um monumento, réplica da imagem de Nossa Senhora da Saúde.

“relatos quase jornalísticos” devido ao frescor dos acontecimentos, alvo de acusações de “interesse editorial”, fruto de certo conservadorismo acadêmico historiográfico que não tem outra intenção senão a de proteger seus próprios interesses ou então de hierarquizar esta modalidade de investigação histórica (e suas fontes) como menos válida. A abordagem do imediato não pretende apenas pintar um quadro do hoje, tornar a história presente em um fim em si mesma, mas, pretende explicar, como acontece e porque acontece, assim posicionando-se na construção do futuro. Segundo Jacques Le Goff:

O que espero dos historiadores da difícil história imediata, inclusive dos jornalistas, que, se fizerem bem seu ofício, são verdadeiros historiadores da história imediata, são quatro atitudes: ler o presente, o acontecimento, com profundidade histórica suficiente e pertinente; manifestar quanto a suas fontes o espírito crítico de todos os historiadores segundo os métodos adaptados a suas fontes; não se contentar em descrever e contar, mas esforçar-se para explicar; tentar hierarquizar os fatos, distinguir o incidente do fato significativo, e importante, fazer do acontecimento aquilo que permitirá aos historiadores do passado reconhecê-lo como outro, mas também integrá-lo numa longa duração e numa problemática na qual todos os historiadores de ontem e de hoje, de outrora e do imediato, se reúna (LE GOFF apud PATSCHIKI, 2012, p. 31).

A história imediata compreende períodos onde os processos sociais ainda estão em desenvolvimento, busca entender e explicar essas questões e tem o papel de transformação. A pesquisa histórica obrigatoriamente é produzida para responder questões formuladas no presente, no momento vivido, sendo que a proximidade entre o historiador e seu objeto de estudo passa pelo rigor da metodologia e da crítica que a prática historiográfica obriga. A história imediata é a reflexão enquanto pensar a sociedade como ela apresenta-se e não é seu papel legitimar o que ocorre. A história do imediato se justifica pela simples necessidade de pensar os problemas atuais em sua historicidade.

Alistair Thomson nos chama a atenção para o fato de que as comunidades que são vistas apenas em termos de suas origens migrantes, especialmente aquelas de residência antiga – como o que ocorre na Colônia que remonta ao século XIX – podendo sustentar elementos de diferenciação cultural mesmo gerações depois do período inicial da migração. Para demonstrar que a comunidade não existe apenas dentro de um único contexto

migratório, mas sim de vários contextos migratórios, posto que sempre alguém virá de algum outro lugar, acreditamos que o recorte temporal de nosso trabalho deve ser baseado nas entrevistas e experiências dos novos migrantes que chegaram à comunidade: a própria autora Vanessa, que vai morar na Colônia Faria em 1992, e o entrevistado E. J. F. que tem seu primeiro contato com os antigos moradores também naquele ano. O recorte se justifica ao pensarmos que não existem fontes sobre os moradores que vem de fora antes desse período, não temos seus relatos, logo não podemos saber como se davam as sociabilidades (embora tenhamos utilizados fontes secundárias anteriores a este recorte, elas não nos permitem buscar responder nossa questão).

Todos os entrevistados, em especial os novos moradores da Colônia tem “um papel ativa-
ta para o processo de testemunho pessoal: que
não apenas relata mas participa da construção
da identidade” (BENMAIOR; SKOTNES apud
THOMSON, 2002, p. 350), esta nova identidade
que é construída cotidianamente na comunidade.
Trouxemos a pesquisa até o ano de 2012 por con-
templar questões da comunidade como um todo
neste período e também porque as entrevistas
foram feitas neste ano, pois os entrevistados rela-
tam suas experiências a partir do que viveram até
o instante desta entrevista, eles falam ao mesmo
tempo do passado não muito distante e também
da perspectiva do presente.

Nossa principal referência será o livro de Norbert Elias e John L. Scotson *Estabelecidos e outsiders*, que versa sobre como moradores antigos de uma comunidade britânica, Winston Parva (nome fantasiado), constituíram determinado *status* diferencial, de “estabelecidos”, elemento de coesão grupal que os diferenciariam dos *outsiders*: moradores mais novos, que não entenderiam ou não participariam (seja qual for o motivo) das normas e valores retificados pela nova coesão dos “estabelecidos”.

Estas identificações entre nós e outros acaba por gerar uma relação binária, maniqueísta das relações de sociabilidade, constituindo uma série de representações negativas, que impedem a plena sociabilização e conhecimento entre determinados agentes. A relação binária não permite meio termo: se acredito que o outro carrega intrinsecamente consigo dada característica (possível de adjetivação), projeto nele não só minhas insegu-
ranças pessoais, mas meus preconceitos sociais, o

que tornam-se cristalizações, certezas cotidianas, impedindo o pleno conhecimento, ou em casos graves, mesmo a convivência com dados agentes ou grupos sociais. Estas características projetadas ainda reproduzem esta lógica maniqueísta, pois podem remeter ao que entendo como negativo ou positivo. Há pouco espaço para o mudar de ideia, pois isto submete-se a um crivo que compartilha mas não é só meu. A visão binária torna o entendimento das coisas de forma muito dura como se não houvesse variações, e mesmo que seja utilizada para criticar determinado comportamento social, se não for problematizado acaba por reproduzir a mesma lógica. A posição irremediavelmente contrária em termos de relações sociais significaria o jamais aceitar o outro (ou os), seria o eterno negar, é a “incompatibilidade radical com o campo oposto, da inconciliabilidade dos respectivos valores e interesses” (BONET, 1998, p. 34-35).

No Ocidente estamos acostumados a pensar o mundo de forma maniqueísta, mas nas relações do dia a dia entre pessoas, não às qualificamos necessariamente nestes termos, até porque criamos, aceitamos e verificamos várias opiniões a respeito de outra pessoa ou de outro grupo. Todos têm uma identidade individual que é constituída ao longo de sua vida e que é formada por várias experiências que estarão o tempo todo alterando e sendo alteradas pelas suas constituições anteriores, em uma relação que não é binária, mas dialética. A diferença e identidade estão diretamente relacionadas, uma depende da outra para existir enquanto significado (SILVA, 2011).

Neste sentido, o fato de estranhar, de aceitar dado estranhamento, não quer dizer “odiar o tempo todo” ou “ser inimigo para sempre”, mas permitir que o torne-se admiração pelo outro e seus hábitos, construindo laços sociais plurais. Este trabalho visa, em parte, compreender a noção de pertencimento de um grupo social, que é compreender também a identidade dos moradores deste local como um grupo de características diferentes de outros (físicas ou não), ou seja, articula-se com o estranhamento. Estranhamento tanto da realidade com a autoimagem que uma comunidade projeta (ou tenta projetar) de si própria para seus participantes (de modo retroativo entre estes), quando percebe-se estas projeções

sozinho ou em relação a outro membro da comunidade, ou quando, e especialmente, isto ocorre através da relação com o “diferente”. O estranhamento do passar a conhecer situa-se entre três eixos: a aceitação (ativa ou passiva, sob coerção, violência), a negação (que pode passar por uma instrumentalização do outro, “ele é necessário”) e a ressignificação (sociabilizando as questões). Do primeiro momento, onde estranha-se as diferenças, é importante algo que estabeleça o contato, ou seja, remeta-se para um lugar comum de identificação, que contribua para se dissipar as desconfianças, iniciando aí um processo de entendimento do outro, o que não fará do outro um igual, mas alguém tão digno de confiança quanto outro conhecido, para que não seja mais um enigma.

No que se refere ao imigrante, Luiz Felipe de Alencastro e Maria Luiza Renaux (ALENCASTRO; RENAUX, 1997, p. 319), explicam a identificação formada por pessoas vindas de diferentes regiões europeias no final do século XIX que deixaram para trás suas famílias, tradições, sua terra e sua língua, tendo que reconstruir sua rede de solidariedade e identidades (o que geralmente costuma não ser principal preocupação das primeiras e segundas gerações de imigrantes, mas referentes especialmente às terceiras e quartas gerações¹⁰) no novo país. A imigração no Brasil ocorreu, de forma espontânea ou forçada (caso dos escravos sequestrados da África) desde meados do século XVI. No século XIX, com o final do tráfico negreiro, existia a necessidade de repor mão de obra para as fazendas. Os fazendeiros pretendiam qualquer imigrante, independente de nacionalidade e religião, desde que fosse submisso ao trabalho, enquanto as elites desejavam o imigrante “civilizador”: europeus brancos (ALENCASTRO; RENAUX, 1997, p. 319-320).

Os imigrantes que chegaram ao Brasil para trabalhar nas fazendas ou viver nas colônias, foram obrigados a ressignificar o seu cotidiano, suas tradições, a sua identidade, geralmente em torno do trabalho. Os imigrantes que vão trabalhar nas fazendas exigem maior soma de alimentos e fazem greve frente aos patrões exigindo para si os alimentos que tinham por costume em seu país de origem, não aceitaram, por exemplo, tomar a cachaça exigindo o vinho ou a cerveja. Na Colônia, ou nas terras destinadas aos imigrantes, como não

10 Sobre esta questão em relação aos imigrantes japoneses e seus descendentes, ver OLIVEIRA, Adriana Capuano de. Japoneses no Brasil ou brasileiros no Japão? A trajetória de uma identidade em um contexto migratório. Disponível em <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/PDF/1998/a152.pdf>>, acesso em 05.09.12.

havia patrões, é provável que a família devesse ter o papel normatizador. O sentido de pertencimento deveria ser reconstruído na escola, pela religião e parentesco e entre as amizades criadas desde a infância. As escolas, no âmbito de convívio social, tinham as funções de manter a língua e os costumes de origem, e ensinar o amor à pátria atual. O convívio social também foi construído nas igrejas em reuniões após os cultos e nas associações agrícolas. De forma geral os imigrantes introduziram no Brasil, hábitos e costumes que estão por toda a parte. É possível encontrar em uma residência brasileira traços de várias “culturas” que são partícipes da nossa identidade coletiva (ALENCAS-TRO; RENAUX, 1997, p. 305). Na Colônia Faria é a polenta (ou na fala coloquial, “pulenta”) que se sobressai entre os hábitos alimentares do dia a dia, como se costuma dizer; “tudo fica bom com polenta” ou “doutor, eu faço a dieta, só não me tire a polenta senão eu morro!”, nas festas a tradição é o risoto de frango e o churrasco.

O vínculo que as pessoas têm com o seu bairro é sem dúvida um dos pontos chave do pertencimento, mas, as fronteiras políticas de um bairro não significam necessariamente a abrangência deste. Os bairros têm diversas definições, mas é essencialmente uma unidade urbana dentro da cidade, que pode ser visto como um recorte espacial que é delimitado institucionalmente visando sua administração. As relações de sociabilidade dentro do bairro se referem ao reconhecimento do vizinho no encontro na rua, no dizer “bom dia” e no perguntar a respeito da família. O bairro forma e é formado pela comunidade, não partilhando somente o mesmo espaço geográfico, mas normas, laços culturais comuns (BEZERRA, 2011).

Elias sempre enfatiza que a coesão grupal é mantida pela adesão a normas do grupo, e que o sentimento grupal é que cria o valor em si, que irá ditar estas normas. Perceber este sentimento ou noção de pertencimento grupal só é possível conhecendo o que pensam os sujeitos que vivem tal noção.

A participação na superioridade de um grupo e em seu carisma grupal singular é, por assim dizer, a recompensa pela submissão às normas específicas do grupo. Esse preço tem que ser individualmente pago por cada um de seus membros, através da sujeição de sua conduta a padrões específicos de controle dos afetos (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 26).

Este estudo não trata de memórias, embora baseie-se nelas, buscando perceber sob a ótica dos

moradores através da metodologia da história oral, e daí alçar suas redes de relacionamento, suas identidades. Nesse sentido a metodologia possibilita conhecer algo que não é mensurável, concreto, que se possa ver, mas sim algo que as pessoas sabem existir de forma subjetiva, que só pode ser compreendido no contato direto com quem vive este fenômeno. Entendendo que a história oral “é um ponto de contato e intercâmbio entre as demais ciências sociais e do comportamento” (AMADO; MORAES, p. 19).

Este trabalho não tem a intenção de julgar aqueles moradores do local, mas pensar e problematizar as representações sociais e culturais daquelas relações interpessoais, e que não se esgotam naquela comunidade ou mesmo neste recorte temporal. Estudando certos fenômenos em pequena proporção podemos compreender situações em outros lugares, como se refere Elias, “num âmbito reduzido, aprender a compreender uma ilusão de óptica que é característica da construção das imagens sociais de vários outros contextos sociais” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 56). Nossa objetivo é trazer elementos para a compreensão das interações sociais entre os membros da comunidade localizada na Colônia Presidente Faria em suas relações com o outro.

Entrevistados e entrevistadoras

Diante dos pressupostos expostos, as autoras passaram para a elaboração do roteiro e entrevista com cinco moradores locais. A primeira pessoa a ser entrevistada foi a senhora T. S. V., nascida e criada na Colônia, sendo descendente dos primeiros imigrantes que se estabeleceram no local. Atualmente com setenta anos. T. S. V. é casada com o senhor G. V. natural da Colônia e também descendente dos primeiros imigrantes. Hoje aposentada, foi costureira autônoma, confeccionava vestidos de noiva e também fazia bolos de casamento, e é pessoa muito querida e conhecida no local. Ambos são produtores artesanais de vinho, ofício aprendido como tradição.

O segundo entrevistado foi o Padre da já citada paróquia Nossa Senhora da Saúde, que tem sede na Colônia Faria. O Padre tem 36 anos e nasceu no bairro São Dimas vizinho da Colônia. É formado em Filosofia, Teologia, Especialista em Catequética e Mestre em Educação. Ele sempre teve ligação com a comunidade, mas ficou fora por três anos por motivo de trabalho. A visão do padre é de quem convive com outras pessoas além dos moradores locais, por isso, mais crítica que a do estabelecido.

O terceiro entrevistado foi o senhor F. L., nascido na Colônia Faria e casado com S. M. L., ambos descendentes dos primeiros imigrantes. Atualmente com 76 anos. F. L. tem forte ligação com a igreja, pois além da fé religiosa, foi por muitos anos, junto com seus dois irmãos, tocador de sinos, função que herdaram do pai e que hoje é exercida pelos seus sobrinhos. Em sua vida profissional trabalhou como agricultor e depois como pedreiro (ajudando, inclusive, a construir o muro do cemitério local). Residiu por três anos em Foz do Iguaçu por conta da profissão e depois de diversas outras ocupações, retomou a profissão de agricultor e formou horta para a produção de olerícolas (alface, couve-flor e outros) na Colônia, chegando a ser premiado pela ACARPA (Associação de Crédito e Assistência Rural do Estado do Paraná) com o título “Prêmio Produtividade Rural” no ano de 1983¹¹. Quando se aposentou passou a horta para os cinco filhos homens, que já trabalhavam com ele desde a adolescência. F. L. tem amplo conhecimento com as pessoas da região além de ser reconhecido pela “memória privilegiada” em relação a acontecimentos do passado da Colônia.

Conforme fomos avançando nos trabalhos de pesquisa, vimos a necessidade de entrevistar um morador que tivesse vindo de fora e que não tivesse nenhum vínculo com as famílias tradicionais do local. Então uma das autoras, Vanessa, recordou-se de uma reunião recente em sua casa, quando um morador antigo (e de sobrenome tradicional) comentava que “os de fora” demoravam pra fazer amizade, e que os “estabelecidos” eram um pouco reservados, tinham certo medo de chegar no novo morador, que isso era “o jeito deles”. E passou a comentar que a relação com o senhor E. J. F. e sua esposa eram exemplo disso, pelo tempo que estes levaram para serem inseridos na comunidade.

Deste comentário, foi buscada uma primeira aproximação com E. J. F., que gentilmente concedeu a entrevista juntamente com sua esposa, a senhora N. C. F. Este senhor tem 72 anos e sua esposa 69 anos. E. J. F. relatou que morava em Campinas/SP e que veio para Curitiba há 30 anos por conta de uma transferência no trabalho, primeiro para passar 3 anos, e que acabaram por ficar no Paraná até hoje. E. J. F. conta que, quando se aposentasse da sua função de gerente de controle de qualidade, desejava mudar-se para um lugar tranquilo, desde que este fosse perto de algum grande centro. Conheceu

a Colônia Faria através de um amigo, que comprou uma chácara no local no ano de 1992. Depois de algum tempo ele mesmo comprou uma casa no local, no ano de 1994. No princípio era uma residência de fim de semana, sendo que quando aposentou-se em 2004, mudou-se definitivamente para o local, com sua esposa N. C. F., seu filho e nora. Estes ainda residem na localidade e já tem filhos.

As entrevistas foram efetuadas de maneira a deixar os entrevistados à vontade, sem que fossem impedidos em momento algum, pois que falavam de si próprios e de suas redes de solidariedade. Antecipadamente houve a preparação de um roteiro de questões, o que foi importante, já que nos permitiu enfatizar questões relativas ao cotidiano e sociabilidade na Colônia, mas sua utilidade maior foi o de delimitar e não de impedir. As questões levantadas partiram de um breve resumo da história de vida destas pessoas, para depois abordar nossos interesses, para a entrevista episódica onde o “enfoque é dado a um evento, a um fenômeno”, onde se requer “um maior direcionamento” (SILVA; SANTOS; DENIPOTI, 2011, p. 86).

Os moradores e a colônia

A Colônia Presidente Faria hoje é, atualmente, um bairro integrante do município de Colombo. A definição de bairro é sem dúvida complexa e existem discussões sobre o assunto em diversas áreas do saber, como a geografia, sociologia, filosofia e arquitetura. Os bairros têm diversas definições, mas é essencialmente uma unidade urbana dentro da cidade, que pode ser visto como um recorte espacial que é delimitado institucionalmente visando o “controle administrativo de uma parcela da cidade” (BEZERRA, 2011, p. 23), unidade demarcada verticalmente, mas que também pode vir a ser útil para as reivindicações coletivas dos seus moradores. O bairro entendido assim, no entanto parece ter fronteiras estanques, “postas ali por todo o sempre”. Para pertencer ao bairro, nesse sentido, basta apenas morar, fixar residência ou ainda apenas ter um imóvel. O bairro no sentido social vai muito além e pode ser considerado uma peça chave na questão da identidade do indivíduo em relação a este espaço, “a porção de terra a que os moradores têm consciên-

11 O prêmio “Produtividade Rural” oferecida pela, já extinta, ACARPA (Associação de Crédito e Assistência Rural do Estado do Paraná) era oferecido para produtores que obtivessem maior produção por metro quadrado de terra utilizada. Atualmente o órgão “equivalente” é a EMATER (Empresa Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural).

cia de pertencer, formando uma certa unidade diferente das outras" (SOUZA apud BEZERRA, 2011, p. 23). Nesse sentido o morador vai criar e absorver símbolos e significados em relação aos demais moradores, constituídas por um processo histórico que passa a ser compartilhado, e que apenas quem participa entende esta pertença. Sebastião Ferrarini pode ser compreendido como alguém que se sente pertencente à Colônia, a este espaço social, mesmo não sendo ele morador. Seus livros são homenagens aos antigos moradores do local.

Ainda no contexto de bairro no sentido social com um maior envolvimento devido às construções e símbolos formados ao longo tempo e transmitido de geração para geração está o grupo de moradores que são os descendentes de italianos. Neste grupo, observando um dos livros de Sebastião Ferrarini, relativo à genealogia dos moradores, embora conste maioria de ascendentes italianos, são citadas várias outras nacionalidades na Colônia, que acabaram por integrar-se, em sua maioria, por casamento. Um terceiro grupo de moradores é relativo aos que estão no bairro a menor tempo, que casaram com moradores antigos e aqueles que não têm ligação de parentesco com "estabelecidos".

O grupo de moradores mais antigos, os "estabelecidos", apresenta certo distanciamento em relação às pessoas que não são do local e "se fecham", ou seja, parecem ter uma coesão grupal muito forte, e mesmo "novos" moradores do bairro (às vezes nem tão novos) são vistos como "diferentes", devendo passar a comportar-se conforme as regras "naturalmente" estabelecidas. Segundo Elias e Scotson:

[...] são chamados de establishment ao grupo que se autopercebe e que é reconhecido como uma "boa sociedade" mais poderosa e melhor, uma identidade social construída a partir de uma combinação singular de tradição, autoridade e influencia: establishment fundam seu poder no fato de serem um modelo moral para os outros. Na língua inglesa o termo que completa a relação é *outsiders*, os não membros da "boa sociedade", pois estão fora dela. Trata-se de um conjunto heterogêneo e difuso de pessoas unidas por laços sociais menos intenso do que aqueles que unem os established (ELIAS; SCOTSON, p. 7).

Para compreender o estranhamento em relação aos novos moradores, antes é preciso tentar entender a representação construída em torno dos moradores dos bairros vizinhos, fruto da explosão demográfica ocorrida nos últimos 30 anos. Estes habitantes moradores de regiões urbanizadas são os *outsiders*, que – supõe-se, por vários motivos, serem os responsáveis por problemas de ordem econômica,

de desestruturação familiar, da perda de referências culturais e normativas, pela falta de solidariedade, etc. Costuma ser classificados pelos moradores da Colônia Presidente Faria como "os móre". Segundo estes, "móre" seria uma palavra do dialeto italiano antigo (o vêneto), para designar pessoas de outras origens não italiana, que com o tempo tornou-se pejorativa. Carrega um aspecto negativo, também é utilizada para pessoas que representam algum tipo de ameaça ou desleixadas. Na Colônia a deplorável expressão "serviço de preto" acabou por ser transmutada no "serviço de móre".

É óbvio que a expressão remete a moreno, a pessoa de cor escura, informalmente pessoas da comunidade dizem que o significado literal é este, que, no entanto, pode ser ampliado a outras pessoas, por certa semelhança comportamental. A autora Vanessa, que é branca, já foi inúmeras vezes chamada de "móre". Uma de suas parentas, em tom de brincadeira, me chamou de "móre" e disse que era porque não era italiana, mas, fazendo uma comparação, a autora desta teria o mesmo grau de descendência italiana que ela. Ou melhor, que não teria descendência dos imigrantes fixados na Colônia. Outras vezes ao falarem algumas palavras em dialeto, eles brincam e dizem: "ela é móre não entende", da mesma forma quando se trata de algum valor moral. Neste sentido ocorreu um acontecimento relevante observado por Vanessa: uma mocinha de 15 anos que estava a namorar foi criticada por algumas moradoras, e quando a autora foi argumentar favoravelmente a adolescente, uma senhora respondeu bruscamente que "pode ser normal lá da onde você vem, e lá pros móre, mas não aqui para nós da Colônia". Essa resposta, diz muito na compreensão da legitimidade que o morador antigo herdeiro de uma ancestralidade local confere a si mesmo e aos significados supostamente compreendidos apenas por seus pares. Ao longo dos anos, Vanessa observou o termo ser utilizado em diversas situações, não só as relativas a cor, raça, local de moradia. Outro exemplo deu-se quando uma adolescente local inquiriu a mãe sobre esta expressão, esta "estabelecida" e casada com um não descendente, afirmou não saber do que se tratava. No entanto é pouco provável que ela não soubesse do que tratava-se, sendo moradora antiga do lugar, o que leva a crer que a mesma nega a palavra para talvez preservar o cônjuge.

Na Colônia existe uma escolinha de futebol de propriedade de Moacir Ferrarini, conveniada com o Coritiba Futebol Clube, e os meninos que jogam bola ali utilizam o ônibus da linha Colônia Fa-

ria-Guaraituba. Esses meninos, que supomos serem filhos de família de padrão aquisitivo superior, já que pagam para participar da escolinha, ao esperar o ônibus, que passa de hora em hora, fazem algazarra: atiram pedras, brigam ou jogam lixo de lanche no chão. E por isto também são chamados de “móre”.

O significado de “móre” não tem relação necessariamente com a condição econômica – pois seriam supostamente do mesmo nível ou até de um nível superior ao dos moradores – mas sim ao fato do comportamento reprovado pelos moradores, que é agregado com o desconhecimento da origem dos meninos.

Outro exemplo é de um senhor que estava construindo sua casa e contratou o serviço de um pedreiro morador de outro bairro, mas parente dos moradores da Colônia, também descendente de imigrantes. O senhor o contratou para fazer um muro, mas o pedreiro incumbiu a tarefa a funcionários seus e o muro ficou torto. O senhor, ao comentar o assunto, falou que o pedreiro “deixou os móre trabalhando e foi tocar outra obra”. e o resultado era o muro torto. Neste caso o significado de “móre” é para normatização (serviço mau feito), novamente atrelado aos de origem desconhecida. É possível também observar que o fato dos trabalhadores serem “móre” justificaria o trabalho não ter sido realizado a contento, é como se essas pessoas não tivessem a mesma capacidade técnica que o “não móre” pelo simples fato de não ter a mesma cultura caracterizando aí um etnocentrismo. A anomia entendida pelo moço é perdoável no “móre” (funcionários estranhos), mas não é no pedreiro porque este supostamente participa dos mesmos valores da Colônia, e que efetivamente era responsável pela obra. “Móre” estaria ligado a uma significação compreendida apenas pelos moradores antigos e que, a princípio, não visaria ofender ao “outsider”, já que este não saberia decifrar seu significado. A mesma palavra também não ofende o morador que mora na Colônia e que visa integrar-se, pois este passa a não considerar-se mais um completo estranho, um completo “outsider”.

Na fala de T. V. S. fica clara a relação construída entre “os de fora” e os problemas do bairro:

O pessoal da Colônia Faria é tudo unido. Agora é que entra algum que são diferentes, né, que tem outra, outra, outra gente. Porque aqui é só chácara, não é lotiamento. Onde que tem lotiamento é diferente né [...] Vem gente de outros estado, é de outros município, e aqui é só gente do lugar, por que aqui é assim; casa os filho vão ficando e fazendo a casa no terreno dos pai, casa os neto vão fazendo as casa no tereno.

Então por isso que não é lotiamento é só chácara [...] Outro jeito de mora, é claro! Lá vem assaltante, vem... nós aqui podia deixar a porta aberta o dia intero, uma janela aberta o dia intero. Quando nós morava na casa velha, eu, nós, nunca deixava a, a, vidro... naquele tempo era vitrô, nós deixava erguido o dia intero, nós fechava quando escurecia a casa e abria de manhã quando amanhecia o dia. Agora nós não podemos deixar uma porta aberta dez minuto porque entra ladrão. E no lotiamento você não pode deixar nada aberto porque já pulam o muro, pula uma cerca e entram pra dentro. É gente diferente por isso que eu falo, e aqui na Colônia não era assim, e depois que começo a encher de lotiamento tudo em volta aqui que teve esse problema, primeiro nós não era assim. Nós nunca fechava o galinhero das galinha, nós deixava tudo aberto. Nós tinha porco, galinha, tinha, tinha vaca, quando eu casei, cavalo. Agora não dá pra ter mais nada, robam tudo (Entrevista com T.V.S.)

Quando ela fala do “pessoal da Colônia” ela se refere aos moradores antigos e demonstra a solidariedade grupal e o entendimento de suas próprias normas construídas e reconstruídas ao longo do tempo, e atribui de forma contundente os problemas aos moradores de fora, é feito uma associação entre os problemas do bairro Colônia e a chegada dos bairros urbanizados com pessoas vindas de diversas regiões. A anomia é percebida por T. S. V. como fruto da falta de vínculo do morador com o bairro ou loteamento e automaticamente associa tudo o que é ruim ou problemático ao morador novo, só modificando esta perspectiva a partir do momento em que reconhecer neste as normas que conhece ou ainda algo que remeta a suas pertenças.

O morador que veio de fora, por mais que esteja morando ali por anos percebe que existem barreiras difíceis de serem vencidas como descreve N. C. F. Ela se percebe como não pertencente à comunidade, mas algo como “convidada”. No entanto, neste mesmo comentário, quando a amiga também “de fora” a incentiva a romper com a barreira supostamente colocada pelas moradoras antigas, explicita-se a tensão:

Isso eu acho que é do, porque é muito família então eles só reúnem as famílias, os de fora eles não chamam [...] Eu sempre falo, é só as famílias, já que é uma entrevista, eu acho que tudo que tem são só eles, não tem gente de fora, os que são de fora são os convidados que vem, mas não entram na panela... [...] Na igreja, mesmo você pode vir! Só família! Na igreja, não tem pessoas assim... eu conversei com uma senhora – não vou citá o nome – que ela falou assim: “se você quiser entrar pro coral da Igreja, você tem que ir com tudo, com cara e entra porque elas não deixam, só quem elas escolhem”, quem elas escolhem são as irmãs, as primas, as tias [...] Só família, independente do nome, se é um ou se é outro, é a família (Entrevista com N. C. F.).

Ainda em relação ao bairro, e ao sentimento de pertença, a imagem criada sobre esse espaço de convivência é crucial, remetendo ao bem estar, a “não existência de problemas”, sobre o “bom caráter daquelas pessoas”. Uma imagem idealizada, que remete ao paraíso, um lugar que ninguém quer sair ou mudar. Partindo da fala de T. S. V., é possível perceber nas falas dos moradores, não só a noção de pertença, mas o entendimento de que as suas normas são melhores que a dos outros.

É! A gente tem orgulho viu, orgulho por mora numa Colônia muito tranquila viu, que algum pobrema vem de fora. poco pobrema sai da Colônia, mais é de fora pra dentro, é a gente foi criado numa maneira anssim difícil, época difícil, anos difícil, me lembro tempo da guerra; 8 de maio de 45, batero 3 sino, na época eu ainda não batia sino, depois daquilo eu coceei (Entrevista com F. L.)

O senhor F. L. afirma o orgulho de pertencer ao bairro e as normas e valores criados pelos moradores e define de “problemáticos”, que considera como ameaça aos valores que entende e comprehende como bom para todos. A noção de pertencimento, embora seja um aspecto considerado da Sociologia, é construído por um processo histórico, e que é útil para a coesão grupal que faz com que os “estabelecidos” se protejam de possíveis ameaças, a seu sistema de poder e normas entre seus pares. Desta mesma forma, esta noção de pertença que protege o grupo “estabelecido”, devolve segundo Elias, a exclusão e o estigma para outros grupos menos coesos. Este estigma ou exclusão nasce do medo do primeiro grupo em se “contaminar” com a anomia dos demais grupos não pertencentes – ou não tão coesos – quanto o seu, por isso o contato intergrupos não é aconselhado ou aceito.

Assim, colocando no papel de “mau exemplo” um grupo estigmatizado como socialmente inferior e desprezível, associavam-se a inferioridade social os “maus impulsos” que os jovens pudesse ter. O palco dos conflitos e tensões psicológicos individuais era ligado ao dos conflitos e tensões sociais. A “moral baixa” era ligada ao “status social inferior”, a perda do autocontrole à perda da integração e da identidade sociais, e a associação com pessoas de um grupo outsider, ao medo da contaminação moral e ao enfraquecimento das próprias defesas (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 149).

Durante a entrevista é possível identificar este tipo de discurso várias vezes. T. V. S., comentando sobre um desentendimento de vizinhos, atribui o isolamento ao “outsider”, porque ele não a visita:

O nosso tipo é, é de se visita, de conversa, de

dá risada, de, de faze as coisa de nós, de nós se vi-sítá tudo. Porque tem gente que não é assim. Que nem esse casal aí não é assim, nós nunca fomo na casa deles. Eles vinham na minha casa, mas eu não. Eles nunca convidaram nós pra í na casa deles (Entrevista com T.V.S.).

A senhora T. S. V. parece entender que o fato do morador novo não a convidar para uma visita seja um indício de rejeição por parte do recém-chegado, que a excluída é ela. A questão da visita, no entanto pode ser entendida também como uma forma de vigilância no que se refere às normas desse novo morador ainda desconhecido e por isso ameaça eminente de conflito ao “estabelecido”:

Os costumes, é bem visível, é visível então até mesmo, é, com dois irmãos, dois senhores, que acho que vieram do norte do Paraná, é a questão da cultura deles lá, naquilo que tange propriamente a vivência da fé, né, então, assim, eles, é ficavam – quando o padre estava purificando a âmbula, né, o cálice – eles ficavam de pé, né, enquanto todos estavam sentados, eles estavam de pé, então propriamente já demonstra né, ou seja, essa, essa questão da cultura e do costume de outra região presente aqui. Já as pessoas que vieram, por exemplo, já de cidades grandes, né, por exemplo, já de cidades grandes, né, por exemplo, São Paulo, né, já, a, a, vivência da fé, essa, essa, relação de, de, como assim... de perten-ça, de estar junto a comunidade já é mais, mais limi-tada, mas que aos poucos estão participando, tão assumindo essa, essa presença física, ou até mesmo no sentido de, essa, partilha de ideias, já a um longo tempo, né, posso dizer assim aqueles que já conheço propriamente a três anos que estão nesse pro-cesso de tentar se entrosar dentro da... dentro da comunidade e da cultura (Entrevista com Padre M. P. H. S. Grifos nossos).

O morador que chega vai ser observado, até que este não seja mais um “mistério” e vai ser aceito ou não dependendo de suas atitudes que deve-rão ser reconhecidas pelos moradores mais antigos como “mais ou menos” dentro dos parâmetros a que estão acostumados. Jamais será totalmente sem enquadrar-se às normas alheias. F. L. descreve como sente-se em relação ao que chega:

É, a gente tem que vê a maneira que ele chega aí né, contanto que ele num chegue querendo muda alguma coisa pra pior – se for pra muda pra melhor claro que a gente aceita né – mas non querer trazer uma coisa lá dos mato, do tempo... lá dos índio lá pra trás, aí a gente também não vai querer ter mui-ta amizade, né, porque pra conhecer uma pessoa o que ela é, se for uma pessoa boa a gente leva um ano pra conhecer, uma pessoa ruim dentro de uma semana você conhece (Entrevista com N. C. F.).

Esta fala demonstra que o “estabelecido” só vai aceitar o outro a partir do momento em que conhecer, até datando tempo para tanto, um ano. Mesmo que exista certo entrosamento, a confiança e a ressignificação do estereótipo presumido demora a dissipar-se. Só vai sentir-se “seguro” a respeito do outro quando este não “ofender” ou não ultrapassar os limites dados pelos moradores mais antigos. A moradora N. C. F. entende que pode levar muito tempo para ser inserido, ou melhor, sentir-se inserido na comunidade. Mesmo acreditando não estar de todo aceita, traz a importância de “pontes” (as reuniões) para o contato: “nossa! Depois de uns 10 anos. [...] Noossa! A gente tá mais entrosado, um pouquinho entrosado, por causa das reuniões que nos estamos fazendo, né” (Entrevista com E. J. F., em 14 de setembro de 2012, Colônia Faria, Colombo.). Estas reuniões servem para formar “interesses comuns” em torno do entendimento do que é “bom para a comunidade”, motivo de conflitos, pois partindo de vivências distintas para julgar estas questões, sendo por vezes o que é importante para “estabelecidos” e “outsiders” divergente:

A mudança significativa que a gente viu, foi a criação da AMICI, que é esse, que o André inclusive foi presidente e isso aí trouxe - aí entra a história que eu não encontro a palavra pra dizer – que as pessoas que queriam alguma coisa a mais, que quando passou a instalação da Copel (torres de alta tensão) aqui que, vão passar o contorno aí, tá? As pessoas que mais se mobilizaram no que vai acontecer, não se manifestam até hoje, então é a Lúcia com o Marido, aquele que mora atrais ali descendo o cemitério na Rua da Edite, eu não lembro mais o nome dele agora, um outro que morava aqui de fora era do Amazonas, meu filho que participava, eu não participei disso aí, participei das reuniões, mas, não desse grupo que tava tomando essas... E convocavam o pessoal da Colônia e ninguém aparecia nas reuniões com a Copel mesmo, ou com o prefeito, eram pessoas como o que tem a fábrica de tijolo ali em baixo, o outro que tinha a chácara lá dos cavalos, mas o pessoal da Colônia mesmo eles não participam, são mais, vamos dizer, ressabiados (Entrevista com E. J. F.).

AMICI é o nome da Sede e da Associação de Moradores do bairro, que por duas gestões foi dirigido por moradores não nascidos no local. A sede da Associação (instalação de material) atualmente é utilizada para aulas particulares de italiano ministradas por Fábio Machioski e para encontros semanais das senhoras que fazem artesanato (fuxico, tricô crochê e outros). A instalação mais antiga (de madeira) que antes era utilizada como escola rural, atualmente abriga alunos especiais e nas noites de terças e quin-

tas serve de academia, sob supervisão do professor de educação física e morador local Cláudio Sgoda. A indenização da Copel aos moradores das terras em que as torres de alta tensão passaram foram pagas, no entanto a indenização à comunidade prometida por causa do prejuízo ambiental ainda não foi pago porque o terreno onde se encontra a sede da Associação está com documentação irregular. Os moradores contam que aquele terreno foi doado pelo antigo dono “de boca” para que a nora e a filha pudessem lecionar.

Ao pensar em pertencimento ao bairro, é de grande importância os locais de sociabilidade e de troca cultural que se dá a todo instante na construção dessa noção de pertença, e na Colônia, este local configura-se na Igreja Nossa Senhora da Saúde. O Padre comenta que o morador antigo da Colônia Faria parece ter uma relação especial com a Igreja, que vai além da fé católica:

Acaba sendo na realidade a própria comunidade, a própria igreja, né. A própria digamos assim a própria religião. Se você olhar propriamente a Colônia Faria, ela, ou seja, muito dos seus traços, né, de construções de casas antigas, a vezes até de costumes, propriamente quase que já se extinguiram, né, mas esse vínculo religioso, essa ligação com a igreja é muito presente. Até mesmo conversando com pessoas que costumam trabalhar essa parte da história da cultura italiana, né, chama muita a atenção para essa questão deles, ainda, dos moradores virem a pé. Mesmo tendo carro, eles procuram vir a pé, propriamente com essa, com aquilo que aprenderam, ou seja, desde a infância, ao vir para igreja. Então a igreja é propriamente aquele, assim, aquilo que aglutina, mantém unida essa questão cultural aqui da Colônia Faria [...] aqueles que casam e que vão morar em outras regiões né, mas procuram sempre manter o vínculo principalmente nas atividades festivas da comunidade, se fazem presente devido a esse vínculo sentimental com a comunidade onde eles nasceram (Entrevista com Padre M. P. H. da S.).

É nítida a importância da igreja para os moradores não só como local religioso, mas como ícone de pertença, como um símbolo maior de pertencimento que reúne e agrupa àqueles que lá vivem. Neste item não há como não mencionar uma fotografia muito emblemática, que consta nos livros de Sebastião Ferrarini. A imagem mostra várias pessoas no entorno e nos andaimes da igreja ainda em fase de construção e está datado de 14 de novembro de 1925, constando inclusive uma lista com nomes e ofertas em dinheiro. É possível reconhecer na lista sobrenomes de famílias ainda residentes no bairro (ver Anexo 3).



Figura 1 - Construção da Igreja Nossa Senhora da Saúde, 14/11/1925.

Fonte: ASSOCIAÇÃO ITALIANA PADRE ALBERTO CASAVECCHIA. Acervo iconográfico. Disponível em: <<http://www.associacaoitaliana.org.br/links/projeto/iconografico.htm>>, acesso em 12 de setembro de 2012.

É possível ler na fotografia *construção da nova igreja de Colônia Faria*, porque havia antes uma capela em madeira. Essa imagem pode-se dizer que é uma espécie de “síntese” da Colônia Faria e da relação das pessoas com a igreja. Todo o mobiliário da Igreja é local de convívio, de troca cultural e memória das pessoas que ali moram e também daqueles que já não moram, mas que de alguma forma se sentem pertencentes àquela comunidade. F. L. comenta sobre o namoro com a esposa, que começou nas imediações da Igreja:

Foi, foi no que eu vim de Foz de Iguaçu, foi fim de 59 né, o encontro nosso foi seguinte; no dia 29 de novembro de 1959 às duas hora da tarde, eu encontrei com ela sobre... foi uma chave da torre da Colônia que eu pedi pra ela, eu ia bater sino das duas hora, aí ficamos junto, começamos o namoro por aí, viu [risos] (Entrevista com F. L.).

Quando ele fala da torre, ele não diz torre da Igreja, mas sim “chave da torre da Colônia”, isso demonstra que ele entende a Igreja e a Colônia Faria quase como uma coisa só, a existência de uma condicionada pela outra. Na fala seguinte verificamos que a vida dele naquele dia se deu em função da Igreja/Colônia, pois ao bater do sino iniciou-se sua vida amorosa, e porque não dizer, familiar. A Igreja é o centro gravitacional das pessoas que ali vivem:

A gente tá ligado na igreja ansim, colaborando sempre no que é preciso né, nós fomos muito, muito de igreja, meu pai também ajuda muito a igreja, [fala enfaticamente] nunca quis participá da comissão da Igreja! Ele sempre colabora! Ele era o churrasquero, aquele churrasquero que naquela época não tinha carvão, levantava as 3 hora da madrugada pra fazer fogo pra na hora de assá churrasco tê a brasa né...

com cepo de madeira, e colaborava sempre nas véspera das festa, assim, pra enfeitar as ruas... A nossa Rua da Colônia era do Cemitério até a encruzilhada onde tinha a Cruz das missões, lá embaixo é, era enfeitada com árvore, ramo... (Entrevista com F. L.)

A colaboração com a igreja em suas festas parece ser prazerosa e tradicional. Nesta fala F. L. faz um relato de costumes locais na forma do trabalho e preparo de festas, mas o objetivo principal é a colaboração com a Igreja que é automaticamente ligada a lembrança do seu pai demonstrando a importante relação memória individual: a ligação entre F. L., o patrimônio histórico da Igreja e seu pai. É também a Igreja, através de suas festividades e reuniões religiosas, que une os diversos grupos em torno de um propósito comum, fazendo o papel de ponte para a “quebra” do estranhamento. O que podemos verificar no caso de E. J. F., quando ele passa a participar do grupo religioso formado por moradores antigos:

Então, o pessoal aqui, eu tava na Edite (eu comproração tudo no aviário). Então, com ela o Tonhão e o Henrique, eu tinha bastante contato, eu passei na, uma tarde lá pra comprá alguma coisa, o Nico, o Nico Milani, tava conversando com ela, de fazê um encontro na segunda-feira na casa dele e que não dava, alguma coisa não ia dar certo, e, eu falei; “ah, o que que é?”, ela disse: “é um encontro da Igreja Católica, o ‘Caminhando’ que faz de 15 em 15 dias na casa de uma pessoa”. Ela falou “não quer participar?”. Eu falei “ah, eu tô conversando com a Nair, pra mim é interessante!”. Cheguei aqui e falei pra ela: “vamo fazê sim”. Eu telefonei pra Edite. Em vez de ser no Nico, naquela segunda-feira foi aqui. A primeira vez! E o pessoal que veio, como foi na sua casa lá, o pessoal que veio não me conhecia, a maior parte das pessoas não me conhecia. O Valdir mesmo não me conhecia, foi quando ele falo que fazia anos que eu morava aqui e a comunidade não chegou, é essa. Eu conhecia o pessoal por intermédio do Wilso e do Nande [...] Era esse grupo aqui, era esse pessoal aqui. Aí o contato que eu tive com o restante das pessoas foi através desse, dessa da Igreja, “Caminhando”, da comunidade (Entrevista com E. J. F.).

A festa de Finados (02 de novembro) é um momento importante no cotidiano da Colônia. O dia de Finados é quando tradicionalmente as pessoas vão aos cemitérios visitar os túmulos de seus entes, depositando flores, encontrando amigos e retornam para suas casas. Na Colônia Faria acontece tudo isso, mas as pessoas saem do Cemitério e ficam no bosque da Igreja (o bosque fica entre a Igreja e o Cemitério). A comissão da Igreja providencia um churrasco, e as pessoas passam o dia ali se sociabilizando, reencontrando amigos e, porque não, fazendo amigos. O dia de Finados não fica de-

vendo nada a outras festas da Igreja, a não ser a falta de música (Ver Anexo 4 com imagens da Igreja Nossa Senhora da Saúde).

A noção de pertencimento é que faz com que o morador da Colônia Faria desenvolva esta consciência de pertencer àquele espaço de terra que ao mesmo tempo remete para uma construção histórica e imaginária em comum. Os limites desse bairro nem sempre são os determinados pelo mapa, pois vai depender da subjetividade das pessoas envolvidas:

Assim, percebemos que, na visão histórica-social, o bairro, espelho das circunstâncias temporais, ainda mais perceptíveis com a urbanização, traduz diferentes espacializações da vida social da cidade, surgindo dentro da história do urbano, como um ícone na busca do resultado da construção histórica e social do espaço citadino. A partir de então, tornou-se possível pensar a cidade e o urbano numa escala menor, mais detalhada, analisando as práticas sociais como o espaço vivido, o lugar das experiências, das trocas, da reprodução da sociedade no cotidiano (BEZERRA, 2011, p. 28).

A noção de “centralidade” é mais importante do que o reconhecimento dos limites, pois o bairro “existe em função de seu centro, ponto de encontro” (BEZERRA, 2011, p. 28), que pode ser uma Igreja, uma praça, a feira ou até mesmo o mercadinho. No caso da Colônia esta centralidade se dá através da Igreja Nossa Senhora da Saúde, não sómente no momento da missa, mas também das festas: de Nossa Senhora da Saúde, São Cristóvão, São Valentim, Finados, além de aniversários e casamentos. Vale informar que o salão paroquial, em período de eleições, ainda é utilizado como zona eleitoral.

As representações do grupo a respeito de si

Neste trecho iremos discutir o conteúdo das representações que os moradores “estabelecidos” fazem de si mesmos e seus pares, o que os diferencia dos “outros”. A senhora T. V. S., narrando um conflito que vivenciou com um vizinho, “outsider”, aponta estas diferenças e as relaciona ao fato do vizinho ser “alemão”, sendo que, no entanto, acredita que a esposa deste é mais parecida com ela, pois é “italiana”:

A mulher dele, ela é de origem italiana também porque nós somos de avô que veio da Itália, então ela também. Ela é mais do nosso tipo, né, mais ele você conversando com ele um pouco você vê que ele é bem diferente, ele é alemão com não sei quê é outro e ele faz assim te conta que ele conhece o mundo

intero, que ele conhece isso, conhece aquilo, então ele tem outra personalidade, parece que ele é diferente de nós né (Entrevista com T. S. V.).

A mesma moradora, em outro trecho da entrevista, quando fala de moradores antigos da Colônia Faria, ou de parentes que participam e entendem as suas normas, a “origem” acaba por não ser determinante como diferença:

É porque, é, eu não sei, eu só de origem italiana né, então a gente... E tenho um cunhado que é brasileiro bem moreno gente boa, tem na família polaco, então, tudo gente boa, gente, gente boa né. Então eu sempre falo que meu lugar é um lugar muito bão, vô fala alemão gente muito bão [risos] meus amigos [risos] (Entrevista com T. S. V.).

Entendemos a identidade como termos que não são naturais, dados, mas construções simbólicas e históricas, criadas e atreladas às relações de poder sociais e culturais das quais somos partícipes:

A afirmação “sou brasileiro”, na verdade, é parte de uma extensa cadeia de “negações”, de expressões negativas de identidade, de diferenças. Por trás da afirmação “sou brasileiro” deve-ser ler: “não sou argentino”, “não sou chinês”, “não sou japonês” e assim por diante, numa cadeia, neste caso, quase interminável. Admitamos: ficaria muito complicado pronunciar todas essas frases negativas cada vez que eu quisesse fazer uma declaração sobre minha identidade. A gramática nos permite a simplificação de simplesmente dizer “sou brasileiro”. Como ocorre em outros casos, a gramática ajuda, mas também esconde. Da mesma forma, as afirmações sobre diferença só fazem sentido se compreendidas em sua relação com as afirmações sobre a identidade (SILVA, 2011).

A afirmação de identidade é marcada pelo “excluir” e “incluir” ao mesmo tempo, um só existe a partir do outro. Mais claramente “a identidade e a diferença se traduzem em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence” (SILVA, 2011). A questão do ser “italiano” na Colônia Faria é uma forma de classificação hierárquica em termos de identidade e pertença. O ser italiano na realidade não tem nenhuma relação com a Itália, mas consolidou-se como símbolo de diferenciação e status que deriva de uma espécie de herança dos ancestrais que ali residiram. Afinal, os imigrantes deixaram para trazem seu país de origem, suas famílias e tradições e por isso tiveram de buscar na nova terra maneiras de reconstruir e proteger suas tradições:

A travessia marítima da Europa para o Brasil, quando se achavam misturados no navio anonimamente, despertava no imigrante a sensação de isolamento,

Nome, origem profissão e tudo o mais que até então servira como identificação social e motivo de amor-próprio se diluiu nessa nova situação que, aliás, já começava no porto de embarque (ALENCASTRO; RE-NAUX, 1997, p. 319).

Mas esta relação dos “estabelecidos” com esta herança remete a sua subjetividade em relação ao passado histórico de seus ancestrais. Os descendentes foram perdendo vínculos com a cultura dos primeiros imigrantes e reconstruíram novas formas de identidade e pertença pautadas, que passaram a ser justificados por aquela história. Algumas coisas permaneceram, alguns termos já “transformados”, como assinalou o Padre, quando lembrou que “*mangiare*” hoje é pronunciado “*manhare*” na comunidade. Ainda segundo o Padre:

Na verdade os moradores propriamente, os mais抗igos demonstram muito conservadores principalmente naquilo que diz respeito a acolher pessoas vindas de fora, então, propriamente ainda é essa impressão, ainda em algumas situações ainda é muito presente aqui na comunidade, né, então, a, umas, parece que as pessoas que vem de fora, assim, não são tão bem acolhidas quanto pessoas de famílias que moram, a, que moram, que nasceram e que moram aqui, ou até mesmo que nasceram e que foram para fora, mas que continuam propriamente com suas raízes aqui. Então, a, muito conservador, ou seja, muito, atenta, a aquilo que a gente muitas vezes a gente diz dos “bons costumes”, né, do... da... assim, das pessoas, um cuidado as vezes até mesmo excessivo em relação às outras pessoas, né (Entrevista com Padre M. P. H. S.).

O padre retifica as discussões sobre as desconfianças do morador antigo da colônia, estas normas conservadoras, parecem ter origens na lembranças dos “antigos”:

Sei lá... [olha para cima pensativa] Nós somos criado muito rígido, muito ali... A educação dos pais antigamente era muito diferente [...] Huumm... [fecha os olhos e balança a cabeça] Era bem diferente do que é agora né. Primeira coisa de tarde minha mãe fazia polenta e nós rezando ensinava nós reza, tudo nós. E meu marido também era assim (Entrevista com T. V. S.).

Outro importante elemento de identidade, como já abordado, versa sobre a religiosidade. Neste sentido, T. V. S. comenta sobre este elemento como tradição:

Católica! Aqui não tinha outra religião, agora já tem que já misturo né, mas aquela época só tinha católica, daí, então, até que a mãe fazia janta tudo mundo usava um banco na cozinha, assim de madeira, a gente ajoelhado no chão e a mãe ensinava a gente a reza (Entrevista com T. V. S.).

Em comparação aos “outsiders”, F. L. percebe a religiosidade alheia, mesmo que católico como ele, de tendo menor valor. “É o costume deles são diferente dos nossos; na religião, as veias eles não são, não tem aquela crença como nós católico da Colônia” (Entrevista com F. L.). Sobre este aspecto religioso, em relação às gerações mais jovens, o Padre comenta que:

Existem esses traços propriamente da língua, mas já quase que inexistente, né, mas existe também por parte de algumas famílias, principalmente no que diz respeito a igreja, né, esse vínculo, esse cuidado, com, assim essa vivência da fé, quer dizer então que vai passando, é assim de...de... Assim de geração em geração aquilo que seus bisavós, avós já faziam dentro da igreja, propriamente, pode contar aqui quem toca os sinos da igreja, propriamente quase que a mesma família que vem já de longos anos, é fazendo, tendo, tendo, é prestando sempre esse serviço a comunidade no tocar os sinos (Entrevista com Padre M. P. H. S.).

As autoras, durante os anos, sempre atentaram ao fato da missa quase lotar a Igreja aos domingos. O morador da Colônia Faria parece ter criado laços de pertenças próprios, que tem base na história e cultura dos imigrantes italianos, mas que com o tempo vai se reconstruir de uma nova maneira. Ao contrário do dialeto, que é perdido com o tempo, este é reconstruído a partir das solidariedades entre as famílias antigas derivadas e agregadas com as dificuldades comuns de todos no local, com a formação de interesses confluentes. Além disto, as famílias ampliaram-se e espalharam-se, os casamentos entre novos e velhos moradores, podem ser verificados no, já citado, livro de genealogia de Sebastião Ferrarini. Livro que, por si só, demonstra a importância dos sobrenomes na construção simbólica da Colônia, que sobressaem-se aos indivíduos. A autora Vanessa, em conversa informal, recorda de quando uma amiga lhe contava sobre um almoço, em que deu-se um diálogo entre uma senhora da Colônia e uma moça de Campina Grande do Sul. A primeira, no meio da conversa, a teria perguntado: “de que família você é?”, ao que a moça teria respondido “ser Strapasson”. Imediatamente a maneira de conversar teria mudado, passando a moça a ser tratada como “da família”. Esse tipo de questionamento é relatado como habitual pelos “outsiders” da colônia:

Olha, o que a gente acha, acha, é, eles são entre si, vamos dizer assim, tem muito casamento entre famílias aqui. Uma coisa que a gente percebe que a primeira vez que a gente teve contato com uma pessoa daqui de baixo, e ela falou: “qual família você pertence?”. “Eu

sô Ceccon” e ele era... eu não lembro se era Strapasson ou que era. Então eles se tratam por família, se você não é daquela família é fora da Colônia. O que a gente sentiu foi isso, foi exatamente isso. “Qual família você pertence?” (Entrevista de E. J. F.).

Na atualidade o medo (real ou imaginário) de perder a identidade em meio à diversidade cultural dos “outsiders” faz com que a noção de pertença apresente-se como estratégia dos “estabelecidos”, uma forma de impor seus valores. O uso do sobrenome como apresentação serve como primeiro critério para o que vem de fora. Como comenta a “outsider” N. C. F., “eles só reúnem as famílias, os de fora eles não chamam” (Entrevista de N. C. F.).

Outra parte integrante desta estratégia é a imagem projetada. A visão projetada pelos moradores para “os de fora” é de um local tranquilo, de forte beleza natural, habitado por homens e mulheres trabalhadores, que comungam a origem imigrante e a religiosidade. Estas características são tomadas para si, parte do orgulho, da estima pessoal: “a gente tem orgulho viu, orgulho por mora numa Colônia muito tranquila viu” (Entrevista de E. J. F.). Este tipo de discurso é reproduzido no *Jornal de Colombo* de 20 de novembro de 2009, por ocasião do aniversário da fundação da Colônia: “acordar nessa imensidão verde e a cada dia se surpreender pela natureza fraterna. Cercado de animais e homens corajosos trabalhando” (FUNDAÇÃO da Colônia Faria, 2011).

Isto é sintetizado na fala “estabelecida” de F. L.:

São! São! Muito diferente! Os de fora, non todos né, eles acham que, eles considero, nós aqui da Colonia Faria uns gringo, que voceis tenhão de tudo mais eles não preguntam de que manera que nois conseguimo o que nós temo, eles não preguntam o sofrimento, só mantê a, mantê a herança da família, já é uma grande coisa, como muitos botaro fora, e nós conseguimo segurá o que ganhemo de herança, é juntando com tradiçõn, por isso que eu tenho orgulho que nós não foi por acaso que nós temo o que nós temo, não é por acaso non, não caiu lá de cima, é com sofrimento. Só mantê uma herança, já é, já é uma grande coisa viu! (Entrevistado F. L.).

Quando falamos sobre a identidade de alguém, quando observamos seus eixos constitutivos, estamos utilizando o que Tomaz Tadeu Silva chamou de identidade performativa, pois sem querer estamos reforçando a identidade do outro (positiva ou negativamente) pelo processo de repetição;

A força do ato linguístico é a repetição que faz com que algo tenha sentido. Algo só tem significado e se torna signo após repetir-se várias vezes. É essa possibilidade de interromper o processo de recorte e colagem, de efetuar uma parada no processo de “citacionalidade” que caracteriza os atos performativos

tivos que reforçam as diferenças instauradas, que torna possível pensar na produção de novas e renovadas identidades (SILVA, 2011).

O “estabelecido” percebe-se como “diferente” do outro, e quando acredita estar sendo estigmatizado explica e legitima esta suposta posição superior através do orgulho de pertença e na imagem de homem trabalhador, possuidor de uma tradição.

A mudança

Como já apresentando, a Colônia Faria não é habitada exclusivamente por descendentes de italianos, residindo ali descendentes de diversas origens. Mas é necessário assinalar que embora habitualmente as pessoas estejam a todo o momento classificando-se e classificando aos demais, há necessidade de explicitar-se o racismo e a discriminação presentes nas relações de sociabilidade. Uma questão incômoda, mas que não pode ser deixada em segundo plano. Este preconceito não nasce com o indivíduo, mas é construído culturalmente.

Aqui iremos nos basear nas discussões de Nilma Lino Gomes. Ela trabalha com o conceito de etnocentrismo, quando um grupo acredita ser superior culturalmente em relação a outras etnias. O etnocêntrico não é propriamente o racista, mas quando estas relações são racializadas, que as diferenças existentes no outro remetam a biologia, assim configura-se o racismo. Tanto o etnocentrismo quanto o preconceito racial não são ainda a discriminação, no entanto esta deriva delas (GOMES, 2005, p. 39-62).

Embora seja consenso a questão da raça ser uma construção histórica e cultural, as análises sobre este processo no Brasil divergem. Parte destes estudos tem buscado aproximar o conceito de raça das significações próprias dos Estados Unidos, que está pautado em uma bipolaridade de classificação, entre negros e brancos. Peter Fry constata que este sistema de classificação americano difere do caso brasileiro mostrando que “os brasileiros classificam a partir da ‘aparência’ da pessoa (a marca) cor de pele, feitura do nariz e outros traços, enquanto os norte americanos a descendência, neste caso se houver um único ancestral Africano a pessoa é considerada negra” (FRY, 2012, p. 131-132). A bipolaridade é uma forma arbitrária e impositiva, e não permite compreender a historicidade de cada relação. Ainda há o modo censitário que caracteriza o branco, negro e o pardo, e também o modo múltiplo (este mais popular) que classifica em morenos, mulatos, brancos, etc.:

É possível argumentar que o modo múltiplo é mais coerente, menos ambíguo e até menos racista que o bipolar dos Estados Unidos. O modo múltiplo efetivamente utiliza um sistema de porcentagens não quantificadas: assim, “cabelo bom”, “nariz chato”, “lábios finos” e “cor clara” acabam reconhecendo a herança genética africana e europeia. O racismo entra quando os mais próximos da “Europa” são vistos como superiores (FRY, 2012, p. 133).

A questão escapa da linguagem utilizada, a classificação “politicamente correta”, por este ser uma questão social, “um modo de vida ao qual estão habituadas” (FRY, 2012, p. 132). Este texto não busca encontrar soluções para as questões de preconceito racial, mas sim tentar compreender como esta lógica também está inserida nas relações de sociabilidade no cotidiano dos moradores da Colônia Faria, marcadamente entre os moradores mais antigos. Este preconceito não presume ódio racial, pelo contrário, embora em nossas entrevistas não tenhamos falas sobre preconceito racial, também verificamos que as amizades e os laços de solidariedade dissipam os preconceitos. Segundo E. J. F.:

Aí eu passei a conhecer muita gente, mas por nome muito poco e todos me conheciam por nome: Eu achei assim uma coisa muito interessante na Colônia - que quando eu comentava com o meu vizinho e sua esposa - ceis tem uma árvore prá cortá aí, ou queria... derrubá umas arvores grandes aqui, qui-sé derrubá árvore, quando é de manhã, quando de tarde vinha ele com motosserra e uns oito dez caras para ajudá a carregá a árvore [risos]. Cê num podia falá que precisava fazê alguma coisa que tem sempre gente, eram muito prestativos, eu não sei porquê; se simpatizaram comigo, sinceramente eu não sei. Mas foi difícil pra mim na, na, na comunidade, foi com o Valdir, como o Valdir falô; depois de muito tempo... eu conhecia o pessoal todo aqui assim; ia no Nande, passava, conversava, que eu...tanto a carrocinha que era o barzinho aqui em baixo como o bar da Gema aqui, eu nunca entrei (Entrevista de E. J. F. Grifos nossos. O “ele” que refere-se é um vizinho seu, morador antigo e descendente de imigrantes).

O preconceito baseado em estereótipos que aparece nos relatos é baseado em um imaginário marcado entre o nós e os outros. Na comunidade as relações são interdependentes, e em nenhuma sociedade é formada por um “único grupo”, ela é formada em diversas redes de grupos (mulheres, crianças, idosos, italianos, católicos, e assim por diante), e interesses, que são complementares. Neste entendimento o contato feito através das “visitas” e dos relacionamentos dentro das festas que são importantes instrumentos para desfazer a imagem preconcebida do outro. Mesmo apontando diferenças em relação às pessoas vindas de fora, o “estabelecido” reflete sobre estas questões:

A criação, vem muito da criação, a gente vê que muitos filho puxa do pai, do avô, tanto até no vício como sem o vício, né. No esporte! Muuito, o filho puxa o que o pai era no esporte, eee o pessoal que vem de fora hoje eles vêm, eles vêm anssim, é, eles num gostam muito de fazê amizade com o pessoal nosso daqui viu, eles se isolam bastante, eles foram criado de outra maneira e nós também fomos criado de uma maneira diferente, o núcleo da Colônia Faria é na base da amizade, as notícias nossas aqui na Colônia, nós não temos jornal, é a base do telefone [risos] e quando ainda um telefonou pro outro, se não... que nem hoje, eu não sabia que tinha uma casa de recuperação aqui na Colônia, viu pegá verdura hoje, eu não sabia, desde dezembro viu, desde dezembro, enton nom core [corre] um jornalzinho aqui, aqui é a base da, da conversa de telefone ou na fofoca mesmo [risos] (Entrevista de F. L.).

É possível constatar que o conhecer, que a convivência pode dissipar preconceitos e racismos. Quando F. L. sabe existir uma casa de recuperação ele não se nega a ajudar, pelo contrário atende a casa de recuperação é quebrado o gelo porque alguém entrou em contato com ele e o fez ter consciência de que a casa é algo visto como bom e não como ameaça. Em sua fala ele não classifica as pessoas, ele apenas atende e lamenta que “os que vêm de fora” não gostem de fazer amizade, buscando compreender do jeito dele que as diferenças são culturais, “eles foram criado de outra maneira e nós também” (Entrevista com F. L.). É importante frisar que estes moradores assim foram acostumados por gerações, ou em um discurso que apropria-se desta historicidade imaginária. Mas não tratam-se de costumes estanques, a não existência de discursos raciais nas falas destes moradores é reflexo das mudanças sociais recentes, onde o preconceito racial passou a não ser mais aceito. Sobre a questão da herança cultural, F. L. diz que:

É, é uma raiz né, (sorriso), enton, vem - comé que se diz - de pai pra filho de filho pra avô, de avô pra bisavô, porque esse terreno [terreno] que hoje é de meus filhos, era herança da minha mãe que ganhou da, do avô dela que é de meu bisavô, né, enton, a, a gente tem esse prazer esse orgulho de morar na Colônia, porque nós temos uma tradição pá contá viu, a gente tem alguma coisa, nós temos história, apesar do sofrimento, mas é bom contá coisas, o que a gente passou lá pra traz que não vorta mais, ma teve coisa boa também, não foi só sofrimento teve muita coisa boa viu (Entrevista com F. L.).

Os laços que unem os moradores da Colônia são pautados em fortes sentimentos que vão além do simples morar. A relação sentimental e a pertença comunitária não estão na raça ou cor, parece que o significado maior desta pertença está mesmo é nas histórias vividas em comum ao longo do tempo, o sofrimento e a alegria compartilhadas, que inserem-se na história

herdada através das gerações, impressões subjetivas que constituem determinado imaginário. Segundo Elias, o pertencer faz com que um indivíduo baseie seus comportamentos, suas motivações e objetivos a partir de uma trajetória social e de tradições sociais que por sua vez só existem “por sua relação com determinadas camadas sociais e determinadas gerações humanas” (ELIAS, 2001, p. 161). Os “estabelecidos”, os descendentes dos imigrantes originais, que ainda residem na Colônia e agora encarregam-se de tentar reproduzir seu modo de ser nos mais novos, pouco viveram fora de sua própria cultura, por isto, não seria possível que compreendessem plenamente àqueles que vêm de fora, assimilado com o “resto do mundo”, o que traz uma sensação de perigo, de pequenez da Colônia diante do todo, sensação que os fazem cerrar fileiras em torno de normas, hábitos, valores. Sómente pela aceitação, parcial e sempre incompleta, destes pressupostos cotidianos, e sua retificação através do tempo, o “outsider” pode vir a incluir-se, a passar a partilhar elementos de pertencimento (ELIAS, 2001, p. 161). Para o que integra-se pelo casamento, ou pelo sobrenome (mesmo que não possua origens diretamente relacionadas à Colônia) esta inserção é facilitada, posto que o próprio par faz o papel de ponte, papel ao qual as famílias preparam os descendentes, visto que este tipo de integração foi o que garantiu o crescimento e expansão das famílias e da Colônia.

F. L. lembra que as coisas no local são “na base da fofoca mesmo”, o que é significativo, pois no grupo coeso a fofoca é um poderoso instrumento normatizador, os indivíduos para poderem participar deste grupo tendem a pagar o preço atuando mais ou menos dentro destas normas. Todos reclamam das fofocas, do cuidar da vida alheia, mas, ao se preocupar com isso, vai agir dentro desta linha imaginária de limites ou passar a esconder as ações tidas como fora do padrão. Só não se importará com o “falatório” o indivíduo que quer enfrentar e quebrar as normas ou conscientemente busca o isolamento social (lembrando que só é possível isolar-se em sociedade).

Considerações finais

A Colônia Faria é um bairro em que os limites institucionais não correspondem ao entendimento da comunidade sobre ele. O cerne destes limites gravita em torno de um mito de origem comum e tem como seu local central a Igreja Nossa Senhora da Saúde. O sentido de família transcende para a comunidade como um todo. A Colônia Faria abriga entre

seus moradores pessoas que não partilham este mito de origem, mas que passam a se “estabelecer” pelo tempo de moradia, pelo período de “observação” e aprovação por parte dos que são parte do mito (o que é subjetivo e pessoal).

O objetivo de perceber como se dá a identidade do morador “estabelecido” foi alcançado, permitindo-nos compreender alguns traços que marcam dada hierarquia (de modo algum estática): 1) Moradores que são descendentes dos imigrantes, que desde a origem da Colônia já conta com aproximadamente seis ou sete gerações; 2) Moradores casados com descendentes e que já vivem a dado tempo na Colônia; 3) Descendentes dos primeiros imigrantes que nasceram e viveram em outras localidades, mas que são aceitos como “visitantes” ou passando a residir na Colônia; 4) Moradores que fixaram residência a mais de dez anos na Colônia e que foram “incorporados” a comunidade, através da aceitação das normas sociais; 5) Moradores mais recentes, em processo de “serem conhecidos” e reconhecidos; 6) Moradores que não demonstram interesses em integrar-se 7) Moradores reprováveis (o que pode até incluir moradores que poderiam “encaixar-se” ou já vivenciaram outras “classificações”), sendo reprovados por dado comportamento, como pelo uso de drogas, por exemplo.

Entendemos que a compreensão de bairro, vai depender da “utilização” ao que o morador faz referência ao espaço, que é ao mesmo tempo geográfico e cultural. O bairro além de servir como recorte para estudo também é baliza de referência para o morador, mesmo que apenas na hora de “pagar as contas”. O bairro é o limite subjetivo, criados historicamente e assim passíveis de mudança, entre um bairro e outro. Servem de comparação entre os outros bairros e em relação ao conjunto de bairros dentro do município (indiferente ao entendimento institucional). Para o morador que vivência o bairro este espaço é ainda mais significativo, através do relacionamento com os demais moradores, passa-se a partilhar acontecimentos, que chegam até a servir de ordenamento nas narrativas de sua vida particular e familiar. A centralidade do bairro, no caso da Colônia Faria a Igreja e suas dependências, funcionam como espaço maior de integração e sociabilidade, cumprindo, além disso, a função de remeter materialmente como permanência dos tempos dos imigrantes originais.

A obra de Elias e Scotson nos ajudou a situar a discussão, principalmente no que se refere aos “estabelecidos”, nas maneiras em que estes formam suas redes de solidariedade, como as “redes de fofocas” são úteis na manutenção e controle das normas e sobre

como os “estabelecidos” intentam proteger-se contra o que eles entendem por anomia do outro (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 121-149).

No que tange ao objetivo de perceber a relação dos “estabelecidos” com os “outsiders”, os moradores novos, ou aqueles que apenas transitam por ali, percebemos que estes são levados em consideração através do medo que aflige os primeiros. Verificamos que estes consideram, julgando, à primeira vista o outro pelo estereótipo do “todo na massa”, sendo que percebem-se como pontes para iniciar-se o conhecimento do outro enquanto indivíduo, como cartão de visitas, ser conhecido de alguém do grupo ou ser “parente” de alguma família conhecida – ou mesmo ser descendente de italianos –, assim como a religiosidade. Isto confere certa credibilidade ao de fora, o faz ser reconhecido em determinado termo (o que é subjetivo, podendo depender do carisma do “outsider”, por exemplo). Mas apenas o tempo irá conferir credibilidade ou não, dependendo do comportamento do “outsider” ser mais ou menos correlato ao esperado pelos “estabelecidos”. O “estabelecido” tende a se fechar ou não fazer amizade apenas em casos extremos de anomia – por medo como já descrito - ou em caso de desentendimento pessoal, que nada pode haver com o julgamento do grupo. Não ficamos convencidos de que o morador da Colônia seja tão “fechado” ao convívio com moradores que vem de fora, ficamos sim mais propensos a pensar nos “estabelecidos” como cuidadosos, no sentido de uma espécie de defesa comum, de preservação.

A autoimagem refletida entre seus pares e para fora, dos “estabelecidos”, é positiva no sentido de se perceber morando em um local tranquilo, “sem problemas”, já em comparação com outros bairros, o polo negativo desta relação, já que são atribuídos os problemas à contaminação com moradores de fora (colocados em termos de moral), estes sim teriam problemas naturalmente porque moram e teriam modos de ser de lugares “intranquilos” ou “não tão bons quanto a Colônia”. Paradoxalmente, esta autoimagem positiva acaba atraindo novos moradores para o local, que buscam a “tranquilidade” do local, sua maneira quase rural. A imagem de “homem trabalhador” pode ser articulada com a relação imaginária com história do imigrante, e os objetivos deste quando veio para a América, seus sonhos de prosperidade, sua vontade de trabalhar e ganhar a vida. O trabalho era parte crucial neste objetivo.

Não pudemos abordar uma série de questões como o tempo de demora para a integração dos moradores que vêm de fora, e mesmo sobre as diversas

etapas desta relação dialética. E do mesmo modo sobre as mudanças geracionais entre os “estabelecidos”, embora assinalemos que foi possível perceber mudanças em relação aos costumes religiosos, também há mudança considerável em relação ao dialeto, o vêneto, que gradativamente vem sumindo, como comentou o padre em suas falas, ficando apenas alguns termos. Mas a continuidade da relação entre família e a comunidade nos indica a capacidade de reconstruir suas percepções em torno da sociabilidade comum.

Os moradores ao concederem entrevistas foram muito receptivos, isso facilitou muito o trabalho, além disto, sublinhemos a franqueza demonstrada por todos os entrevistados como traço da personalidade destes. O escutar levou as entrevistadoras a descobrirem novas facetas e emoções ao produzirem este estudo. Foi marcante a “necessidade” de falar sobre o assunto que os entrevistados demonstraram, um parecia de alguma forma desvendar o outro (o “estabelecido” desvendando o “outsider” e vice-versa), ao mesmo tempo em que os moradores antigos da Colônia consideravam importante o registro histórico, em produzir-se documentos sobre aquela maneira peculiar de ser. O “estabelecido” esforçou-se em demonstrar o que não quer, o que gosta e o que não gosta, enquanto o “outsider” exerceu a possibilidade de demonstrar o exótico, suas observações sobre a peculiaridade do outro, coisas que não necessariamente entendem ou aprovam, mas que entendem como “um direito” do morador mais antigo. Como se a “antiguidade” conferisse legitimidade às formas de comportamento, que o morador mais novo tivesse de conformar-se porque afinal é um invasor”.

Pessoas que moravam em grandes centros, como o E. J. F., que veio de Campinas, buscaram conscientemente fugir para localidades rurais, na esperança de encontrar o tal sossego. Esta disposição modifica a aceitação e inserção dentro do grupo mais antigo, também depende daquele que chega ter “boa vontade”, paciência e busca por algo em comum para mudar sua situação de “outsider”. Nem todas as pessoas entendem a dinâmica do rural, os modos de viver do morador antigo com raízes locais, não comprehende o sentimento de ligação entre o grupo. A Colônia Faria sob o aspecto de localização se apresenta como um “meio caminho” entre a vida rural e a urbana, sendo próxima de lojas, lazer, cultura e outras tantas coisas da urbe. O morador urbano não entende a fofoca, a visita, o cuidar da vida alheia, porque a dinâmica da cidade existe num ritmo temporal diferente do rural, as sociabilidades ocorrem em torno de outras determinações. No

rural ainda existe tempo “para o não fazer nada”, para o “bater papo” na porta da Igreja.

As festas promovidas não possuem grandes atrações. Têm no máximo três ou quatro barraquinhas de doces, salgados e bugigangas, um alto falante com música e no final um bingo. Estas festas são espaços de, e para, a sociabilidade, para o conhecer comunitário. É fácil visualizar todos seus participantes, e aproximar-se, simplesmente com um “olá, como vai”. O morador que chega demora a participar destes eventos, talvez porque para ele não é interessante, não faz sentido: uma das dificuldades de entrosamento entre o “estabelecido” e o “outsider”.

A Colônia Faria como comunidade, tanto os moradores antigos e novos, busca unir-se ainda em torno de um objetivo comum: tentar resistir às mudanças drásticas trazidas pela urbanização crescente de seu entorno. Buscando evitar que o bairro (e as pessoas que ali vivem) seja transformado numa coisa repetida, igual. Não quer ter o ritmo alucinante do urbano, prefere ainda o som dos pássaros, a satisfação de conhecer e saber da vida de todos. A Colônia Faria é uma comunidade ainda coesa por laços construídos e reconstruídos historicamente, onde talvez a vontade de ser um instantinho no passado antes do “tudo igual” da urbanização pautada por um capitalismo desenfreado, venha a ser o mais forte destes laços comuns.

Referências bibliográficas

Livros:

ALENCASTRO, Luiz Felipe de; RENAUD, Maria Luiza. “Caras e modos dos migrantes e imigrantes”. In. ALENCASTRO, Luiz Felipe de (org.). **História da vida privada no Brasil 2**. Império: a corte e a modernidade nacional. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

AMADO, Janaína; MORAES Marieta de (org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FERRARINI, Sebastião. **Da Itália ao Paraná: 100 anos depois (genealogia)**. Curitiba: Editora Universitária Champagnat – EDUCA, 1989.

FERRARINI, Sebastião. **Presidente Faria**. Curitiba: Editora Lítero-Técnica 1969.

GOMES, Nilma Lino. “Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão”. In. OUANE, Adama; MELO, Alberto et all. **Educação antiracista: caminhos abertos pela lei federal 10.639/03**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, alfabetização e Diversidade, 2005.

NEIBURG, Federico. “A sociologia das relações de poder de Norbert Elias”. In. ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como gênero**. São Paulo: Proj. História, 2001.

RAMPAZZO, Lino. **Metodologia científica**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

SILVA, Edson Armando; DENIPOTI, Cláudio; REDRIGUES, Marília Mezzomo; SANTOS, Francielli Lunelli. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em História I**. Ponta Grossa: UEPG/NUTEAD, 2011.

SILVA, Edson Armando; SANTOS, Francielli Lunelli; DENIPOTI, Cláudio. **Métodos e técnicas de pesquisa em história II**. Ponta Grossa: UEPG/NUTEAD, 2011.

Teses e Dissertações:

CANDIOTTO, Luciano Zanetti Pessôa. **Turismo rural na agricultura familiar: uma abordagem geográfica do Circuito Italiano de Turismo Rural (CITUR), município de Colombo**. Tese de Doutorado (Geografia). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

KATZINSKY, Luciane. **Análise da relação Colombo e Curitiba a luz da teoria dos dois circuitos da economia urbana**. Dissertação de Mestrado (Geografia). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2004.

PATSCHIKI, Lucas. **Os lítoreos da nossa burguesia: o Mídia sem Máscara em atuação partidária (2002-2011)**. Dissertação de Mestrado (História). Marechal Cândido Rondon: UNIOESTE, 2012.

Sites:

BEZERRA, José Alencar. Como definir o bairro? Uma breve revisão. **Geotemas**, v. 1, nº 1, jan/jun. 2011. Disponível em <<http://periodicos.uern.br/index.php/geotemas/search/titles>>, acesso em 03.04.12.

COLOMBO. **Histórico turismo**. Disponível em: <<http://www.colombo.pr.gov.br/pagina.asp?id=169>>, acesso em 26.08.12.

FRY, Peter. O que a Cinderela Negra tem a dizer sobre a 'política racial no Brasil. **Revista da USP**, no. 28, dez./fev. 1995/1996. Disponível em: <<http://www.ufgd.edu.br/reitoria/neab/downloads/povo-negro-a-cinderela-negra-2013-peter-fry>>, acesso em agosto de 2012.

IBGE. **Planejamento**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?I>> acesso em; 23/08/2011.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Pertencimento, medos corriqueiros e redes de solidariedade**. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222010000300011&Lang=PT>, acesso em 16/03/2012.

MASCHIO, Elaine Cátia Falcade. **A experiência escolar entre imigrantes italianos no Paraná**. UFPR/FACINTER. [s.l.][s.d.] Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada6/trabalhos/602/602.pdf>, acesso em 10.09.12.

OLIVEIRA, Adriana Capuano de. **Japoneses no Brasil ou brasileiros no Japão?** A trajetória de uma identidade em um contexto migratório. Disponível em <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/PDF/1998/a152.pdf>>, acesso em 05.09.12.

PREFEITURA DE COLOMBO. **Manual Histórico Cultural de Colombo**. Disponível em: <<http://www.colombo.pr.gov.br/>>, acesso em 07/08/12.

SILVA, Helenice Rodrigues da. Rememoração/comemoração: as utilizações sociais da memória. **Revista Brasileira de História**, v. 22, nº. 44, 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882002000200008>, acesso em 03.04.12.

SILVA, Tomaz Tadeu. **A produção social da identidade e da diferença**. Disponível em: <<http://ccs.ufpel.edu.br/wp/wp-content/uploads/2011/07/a-producao-social-da-identidade-e-da-diferenca.pdf>>, acesso em 15.06.12.

THOMSON, Alistair. Histórias (co)movedoras: história oral e estudos de migração. **Revista Brasileira de História**, v. 22, nº 34, 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-0188200200020005&script=sci_arttext> , acesso em 09.10.12.

Fontes:

Jornais e Revistas:

FUNDAÇÃO da Colônia Faria – Breve Histórico. **Jornal de Colombo**, 20.11. 2011. Disponível em; <www.jornaldecolombo.com.br/novo/ver.php?id=757&grupo=4>, acesso em 06.05.12.

NOVA COLOMBO. Agosto: Centenário da Colônia Faria. **Nova Colombo**, nº 4, março/abril de 1987.

Livros:

FERRARINI, Sebastião. **Da Itália ao Paraná: 100 anos depois (genealogia)**. Curitiba: Editora Universitária Champagnat – EDUCA, 1989.

_____. **Presidente Faria**. Curitiba: Editora Lítero-Técnica, 1969.

Entrevistas:

E. J. F. em 14 de setembro de 2012, Colônia Faria, Colombo.

F. L. em 21 de julho de 2012, Colônia Faria, Colombo.

N. C. F. em 14 de setembro de 2012, Colônia Faria, Colombo

PADRE M. P. H. S. em 11 de julho de 2012, Colônia Faria, Colombo.

T. V. S. em 06 de julho de 2012, Colônia Faria, Colombo.